



Secretaria Geral do Sínodo dos Bispos



Espiritualidade Agostiniana (Unitas in Caritas)

Pe Joseph Farrell, OSA, Vigário Geral

Antes de iniciar uma investigação sobre a espiritualidade de Santo Agostinho ou tentar descrever aspectos de uma espiritualidade agostiniana, é necessário entender o que significa o termo “espiritualidade”. Walter Principe¹, Jon Alexander², Charles André Bernard³, Sandra Schneiders⁴ e outros⁵ publicaram investigações que descrevem o desenvolvimento histórico do termo “espiritualidade” tanto como disciplina, quanto como se relaciona com a teologia.

Walter Principe propõe três níveis nos quais a definição de “espiritualidade” é formulada. Os primeiros dois níveis são a) a realidade existencial ou vivida da pessoa (por exemplo, Agostinho); b) a formulação de um ensinamento sobre a realidade vivida (por exemplo, auto-sacrifício, interioridade, humildade, bem comum, amizade, amor). O terceiro nível articulado por W. Principe lida especificamente com o estudo dos dois primeiros níveis, especialmente o segundo⁶. Hoje, o meu objetivo é partilhar convosco alguns aspectos deste segundo nível, que pode ser aplicado tanto a santo Agostinho como à Família Agostiniana.

À medida que avançamos juntos no caminho da sinodalidade, o nosso Prior Geral, Alejandro Moral Antón, e os membros da Cúria Geral da Ordem de Santo Agostinho agradecem o convite que recebemos para contribuir com a nossa espiritualidade nesta jornada dedicada à espiritualidade. Nesta breve apresentação, tentarei ser fiel a dois princípios-chave. O primeiro princípio vem de uma apresentação que Tarsisius van Bavel, um estudioso agostiniano holandês, fez sobre a espiritualidade ou carisma num encontro agostiniano. Ele identifica cinco elementos-chave que operam juntos para definir a espiritualidade.

A espiritualidade ou carisma é 1) uma atitude permanente e interior da mente e do coração humanos, 2) obtida através de um processo de assimilação pessoal de um valor evangélico, 3) em diálogo com o mundo da pessoa e do género humano como um todo, 4) proveniente de uma escolha livre, e 5) concretizado como um centro preciso do nosso estilo de vida com a devida ênfase e atenção⁷.

O segundo princípio é uma definição da Espiritualidade Agostiniana oferecida pela Irmã Mary Clark, RSCJ. Ela escreve: “A espiritualidade agostiniana está enraizada na vida da mente e cresce no amor do coração. É

¹ W. Principe, "Toward Defining Spirituality", em *Exploring Christian Spirituality: An Ecumenical Reader*, ed. K. Collins, (Grand Rapids, MI: Baker Academic Books, 2000), 43-57.

² J. Alexander, “What Do Recent Writers Mean by Spirituality?” *Spirituality Today* 32 (1980), 247-256.

³ C. A. Bernard, *Teologia spirituale*, (Milano: Edizione San Paolo, 2002), 53-97.

⁴ S. Schneiders, “The Study of Spirituality: Contours and Dynamics of a Discipline,” *Christian Spirituality Bulletin* 6/1 (Spring 1998), 1-12; ver também: Schneiders, “Spirituality in the Academy,” *Theological Studies* 50 (December, 1989), 676-697, reimpresso em *Modern Christian Spirituality: Methodological and Historical Essays*, ed. B. C. Hanson (Atlanta, Georgia: Scholars Press, 1990), 15-37.

⁵ Ver nota 33, em Schneiders, “Spirituality in the Academy,” *TS* 50 (1989), 683-84.

⁶ Principe, 48.

⁷ T. van Bavel, “Reflections on Spirituality and Charism,” *Augustinian Spirituality and the Charism of the Augustinians*, ed. J. Rotelle, OSA. (Villanova, PA: Augustinian Press, 1995), 78.

interior e social, compreende o indivíduo e a sociedade”⁸. Imediatamente vemos semelhanças entre os dois princípios, particularmente em tudo o que diz respeito à importância da mente e do coração, e à necessidade de interagir entre nós. Agostinho era uma pessoa que se rodeava de pessoas e foi com elas e graças a elas que pôde prosseguir o seu caminho, desenvolvendo a sua relação de amor com Deus e com os seus companheiros de peregrinação na sua busca incansável.

São muitos os aspectos que podem ser atribuídos ao ideal de Agostinho de viver a vida cristã e que contribuem para o que se tornou a Espiritualidade Agostiniana. No tempo que nos foi dado esta manhã, não será possível apresentar todos esses aspectos em detalhe. Permitam-me citar algumas palavras-chave que não podem faltar numa apresentação sobre a Espiritualidade Agostiniana e, a seguir, desenvolverei apenas alguns deles em pormenor. As palavras-chave da Espiritualidade Agostiniana que gostaria de propor são: Interioridade, Oração, Busca incansável de Deus, Correção fraterna, Bem comum, Unidade em Cristo e Graça.

Robert Dodaro, OSA, ex-presidente do Instituto Patrístico Agostiniano de Roma, propõe um termo que acredito compreender todos esses aspectos da espiritualidade agostiniana: *sacramentum caritatis*. Ele afirma que “[c]aracterizar a noção de amor de Agostinho como sacramental e colocá-la no centro da sua espiritualidade fortalece a avaliação dessa espiritualidade como rigorosamente bíblica e teológica”⁹. Para Agostinho, o *sacramentum* é um “sinal sagrado”¹⁰ que indica uma realidade. Viver harmoniosamente juntos como um só, reconhecendo e celebrando a diversidade dos dons como *sacramenta caritates*, era o que Agostinho desejava para as suas comunidades monásticas, apresentado ao povo de Hipona na sua pregação e realizado em todas as suas experiências ministeriais. Proponho que seja vital na formação contemporânea para uma espiritualidade agostiniana.

Breve contexto histórico

Imediatamente após a sua ordenação sacerdotal, Agostinho recebeu uma pequena porção de terra que incluía um mosteiro de Valerio, o bispo de Hipona¹¹. Talvez o bispo soubesse da grande relutância com que Agostinho se aproximava da ordenação, e o presente de um mosteiro era uma forma de aliviar o sofrimento do novo sacerdote. Ou, talvez, Valerio também reconhecesse o valor da vida em comunidade e quisesse apoiar Agostinho neste estilo de vida. Em qualquer caso, este mosteiro seria o lugar onde todos os membros não viveriam sozinhos como monges (Movós), mas juntos como um só corpo. Agostinho debruça-se sobre esta ideia numa das suas *Ennarationes* sobre o Salmo 132. “Onde as pessoas vivem juntas numa unidade que forma um único indivíduo... muitos corpos, mas não muitas mentes, muitos corpos, mas não muitos corações – então são justamente chamados Movós ‘um só’¹².” O mosteiro tornou-se o lugar onde Agostinho passou os primeiros anos do seu ministério e um lugar de crescimento espiritual em comunidade.

Agostinho descreve exatamente qual era sua ideia de mosteiro. Ele afirma:

“Comecei a reunir irmãos de boa vontade, os meus companheiros de pobreza, que, não tendo nada como eu, me imitavam. Assim como eu vendi a minha pobre propriedade miserável e distribuí o lucro entre os pobres, o mesmo aconteceu com aqueles que queriam ficar comigo, para que pudéssemos viver com

⁸ M. Clark, “Augustinian Spirituality,” *AugStud* 15 (1984), 83; Cf. “Augustinian Spirituality,” *The New Dictionary of Catholic Spirituality*, ed. M. Downey, (Collegeville, MN: The Liturgical Press, 1993). “Augustinian spirituality is best portrayed as the absorption of the gospel teaching on caritas into daily living.” 67.

⁹ Robert Dodaro, “*Sacramentum Caritatis*: Foundation of Augustine’s Spirituality,” in *Augustinian Spirituality and the Charism of the Augustinians*, ed. John Rotelle, (Villanova, PA: Augustinian Press, 1995), 47.

¹⁰ *ciu.* X, 5 (CSEL 40,1:452). “Sacrificium ergo visibile invisibilis sacrificii sacramentum, id est sacrum signum est.”

¹¹ s. 355.2 (PL 39:1569-1570). “Et quia hoc disponebam, in monasterio esse cum fratribus, cognito instituto et voluntate mea, beatae memoriae senex Valerius dedit mihi hortum illum, in quo nunc est monasterium.”

¹² Cf. en. Ps. 132.2 (CCL 40:1927).

o que tínhamos em comum. Mas aquilo que teria sido o nosso património comum verdadeiramente grande e lucrativo era Deus”¹³.

Agostino Trapè, ex-prior geral da Ordem de Santo Agostinho, oferece uma reflexão sobre os primeiros esforços de Agostinho para fundar a sua comunidade¹⁴. A insistência de Agostinho neste modo de vida constitui um convite a imitar os membros da primeira comunidade cristã de Jerusalém, que imitaram Cristo com a vida. Agostinho põe em prática o seu exemplo descrito nos Atos dos Apóstolos:

A comunidade de crentes tinha apenas um coração e uma mente, e nenhum pretendia que um dos seus bens fosse seu, mas tinham tudo em comum. [...] Não havia nenhuma necessidade entre eles, porque quem possuía bens ou casas os vendia, trazia o produto da venda e colocava-o aos pés dos apóstolos, e era distribuído a cada um conforme a necessidade.¹⁵

Criar um lugar para partilhar o amor

Agostinho sublinha a sua preferência pela “mútua partilha da caridade”¹⁶, que destaca na leitura dos Atos dos Apóstolos (At 4, 32-35) e que põe em prática em todas as suas comunidades. Embora seja precioso e necessário haver uma propriedade comum na vida comunitária agostiniana, a partilha da propriedade e dos bens materiais é um aspecto ou, para usar a imagem da trama de uma tela, um fio da tapeçaria que se chama vida comunitária. Ao sublinhar a comunhão das obras de caridade que os cristãos são chamados a realizar, Agostinho tece um novo fio nesta tapeçaria. Essas obras de caridade são a resposta ao amor de Deus nas suas vidas. Surgem de uma vida de contemplação orante. Estender a mão na caridade é uma resposta ao mandamento do amor a Deus e ao próximo¹⁷. Agostinho escreve na Cidade de Deus:

Porque ninguém deve estar tão confortável para não pensar nas horas vagas no interesse do próximo, nem tão ativo que não sinta necessidade da contemplação de Deus. O atrativo de uma vida de ócio não deve ser a perspectiva de uma inatividade preguiçosa, mas a possibilidade de investigar e descobrir a verdade, com a compreensão de que todos fazem algum progresso nisso, e não retêm a contragosto as suas descobertas para os outros.¹⁸

Esta resposta é um *sacramentum caritatis* do Evangelho. Agostinho disse aos membros das suas comunidades e também às pessoas da sua congregação: “Que os cristãos façam o que Cristo manda”¹⁹.

O terceiro fio da tapeçaria agostiniana da partilha própria da vida comunitária é o que tem maior valor. Esse aspecto pode ser descrito como o fio de ouro tecido num pedaço de tecido que lhe confere um valor inestimável. Este fio forma-se quando os membros da comunidade se reúnem com “uma só alma e um só

¹³ s. 355.2 (PL 39:1570). “Coepi boni propositi fratres colligere, compauperes meos, nihil habentes, sicut nihil habebam, et imitantes me: ut quomodo ego tenuem paupertatulam meam vendidi et pauperibus erogavi, sic facerent et illi qui mecum esse voluissent, ut de communi viveremus; commune autem nobis esset magnum et uberrimum praedium ipse Deus.”

¹⁴ A. Trapè, *S. Agostino: L'Uomo, Il Pastore, Il Mistico*, (Fossano: Editrice Esperienze, 1976), 173-178.

¹⁵ Atos 4:32-35; Ver: Lawless, 59. Esta citação é usada pela primeira vez por Agostinho na sua *Exposição* do Salmo 4, que pode ter sido composta durante o tempo que Valerius lhe concedeu. Para um estudo mais aprofundado do uso de Atos 4 no pensamento de Agostinho, ver: L. Verheijen, *St. Augustine's Monastery in Light of Acts 4:32-35*, (Villanova, PA: Villanova University Press, 1979).

¹⁶ s. dom. mon. II, 1. 3 (CCL 35:94). “Hoc enim indicio apparere poterat, quantum profecissent in Deum, cum id libenter facerent quod non propter gaudium de muneribus sed propter communionem caritatis ab eis quaerebatur.”

¹⁷ Mt 22:39. Cf. R. Canning, “Distinction Between Love for God and Love for Neighbour in St. Augustine,” *Augustiniana* 32 (1982). “Love for neighbour is thus presented as a necessary condition of love for God, evil must be rejected if good is to grow; love for neighbour is, as it were, love for God in its infancy.” 11.

¹⁸ *ciu. XIX*, 19 (CSEL 40/2:406). “Nec sic esse quisque debet otiosus, ut in eodem otio utilitatem non cogitet proximi, nec sic actuosus, ut contemplationem non requirat Dei. In otio non iners vacatio delectare debet, sed aut inquisitio aut inventio veritatis, ut in ea quisque proficiat et quod invenerit ne alteri invideat.”

¹⁹ s. 81.9 (PL 38:506). “Diliite ergo legem Dei, et non sit vobis scandalum. Rogamus vos, osecramus vos, exhortamur vos, estote mites, compatimini patientibus, suscipite infirmos; et in ista occasione multorum peregrinorum, egentium, laborantium, abundet hospitalitas vestra, abundant bona opera vestra. Quod iubet Christus, faciant Christiani.”

coração” e nada possuindo, mas partilhando “todas as coisas em comum”. Quando isso acontece, o maior tesouro que a comunidade tem em comum é Deus.

A tentativa de pôr Deus em comum constitui o próprio coração da Regra de Agostinho, que representa a principal fonte da espiritualidade agostiniana²⁰. Citando o referido trecho de Atos 4, ele escreve no início da sua Regra: “A motivação principal da vossa vida em comum é viver harmoniosamente na casa e ter um só coração e uma só alma que procuram Deus”²¹. Deus não é apenas a meta comum e o tesouro da convivência, mas é a condição da possibilidade de viverem harmoniosamente juntos.

Na sua *Ennarationem* sobre o Salmo 132, Agostinho explora como esse ideal é precioso para ele. Ele cita: “Vede como é bom e agradável que os irmãos vivam unidos!” (Salmo 133:1) e encontra sustentação bíblica para o seu ideal e a sua espiritualidade monástica, apontando para esse ideal como uma meta pela qual todos os homens devem lutar. Ele reconhece neste Salmo o começo, as sementes para a vida comum que foram plantadas no povo de Israel; e a seguir afirma que “foram os primeiros, mas não os únicos, porque este amor e esta unidade fraterna não chegaram até eles apenas para terminarem ali. A intensa alegria da caridade alcançou também os seus descendentes”²². É por isso que Agostinho pode declarar com tanta alegria a beleza e a doçura que encontra neste Salmo.²³ Foi isso que acendeu a chama daquele desejo inicial de viverem juntos em Deus, que alimentou essa chama na vida de Agostinho e que continua a dar vida a esse fogo do amor na espiritualidade agostiniana de hoje.²⁴

Partilhar o tesouro de Deus na vida em comum é o amor que impele os seus membros a viver em unidade. Como nos lembra o autor da Primeira Carta de São João, “Deus é amor, e quem permanece no amor permanece em Deus, e Deus nele”. (1 João 4:16) Para os cristãos, é partilhar com Jesus Cristo (ou seja, a sua vida, paixão, morte e ressurreição) que torna o amor real. Agostinho esclarece este ponto na sua *Sobre a obra dos monges*, quando identifica o membro do seu mosteiro como aquele que “não procura mais as suas próprias coisas, mas as de Jesus Cristo, se é dedicado à caridade da vida comum, pretendendo viver na companhia daqueles que têm um só coração e uma só alma em Deus, para que ninguém chame a nada seu, mas todas as coisas sejam tidas em comum.”²⁵

Quando alguém reconhece Deus como o bem comum no mosteiro, ou em qualquer comunidade, então é capaz de reconhecer mais claramente o lugar do amor, da oração, da humildade e do auto-sacrifício dentro dessa comunidade. É um amor altruísta dirigido ao outro. É um amor de Deus realizado no amor ao próximo.

Quando a comunidade dos crentes reconhece que o seu maior tesouro é a partilha comum de Deus, “de quem se tornaram templos”²⁶, então a realização do ideal de Agostinho acontece na história. “A comunidade não é considerada no abstrato como instituição ou organização, mas no concreto como o amor de uma pessoa que é o nosso próximo”²⁷. O maior tesouro, Deus, revela-se melhor quando é partilhado no amor recíproco entre os

²⁰ *OSA Const.* 16.

²¹ *reg.* I, 1 (PL 32:1378). “Primum, propter quod in unum estis congregati, ut unanimes habitetis in domo et sit vobis anima una et cor unum in deum.”

²² *en.* Ps. 132.2 (CCL 40: 1927). “Primi audierunt, sed non soli audierunt. Non enim usque ad illos ista dilectio et unitas fratrum venit. Venit enim et ad posteros ista caritatis exsultatio.” Cf. c. litt. Pet. II, 104.238,239 (CSEL 52:152-55). Salvo indicação em contrário, todas as referências em inglês a *Contra litteras Petilianas* são citadas a partir de *The Letters of Petilian, the Donatist*, em NPNF 4 (série um). Todas as citações em latim virão da seguinte edição crítica: CSEL 52.

²³ *en.* Ps. 132. 2 (CCL 40:1927). “Ista enim verba psalterii, iste dulcis sonus, ista suavis melodia, tam in cantico quam in intellect, etiam monasteria peperit.”

²⁴ *s.* 178.11 (PL 38:966) “Hanc scintillam boni amoris flate in vobis, nutrite in vobis: ipsa cum creverit, et flammam di-gnissimam et amplissimam fecerit.”

²⁵ Augustine, *The Work of Monks*, Trans. Sr. M. S. Muldowney, R.S.M. FOTC 14, *Treatises on Various Subjects*, (Washington, DC: Catholic University of America Press, 1965), 323-394. *De opera monachorum*, XXV, 32 (CSEL 41:578-579). “Non quarens quae sua sunt, sed quae Iesu Christi ad communis vitae se transtulit caritatem in eorum societate victurus, quibus est anima una et cor unum in deo, ita ut nemo dicat aliquid proprium, sed sint illis omnia communia.”

²⁶ *reg.* I, 8 (PL 32:1379). “cuius templa facti estis.”

²⁷ van Bavel, *La communauté*, 102.

membros vivos da comunidade; quando isto é realizado e atualizado, todos os outros tesouros comuns encontram o seu lugar.

CHRISTUS TOTUS: Vivendo no amor

Um fator chave no desenvolvimento da compreensão da espiritualidade agostiniana é encontrado na cristologia de Agostinho. Ele entende o Cristo Total como o Corpo de Cristo, tanto na Cabeça quanto nos membros. No conceito de *Christus Totus* percebemos o entrelaçamento da teologia, da eclesiologia, da espiritualidade e da cristologia para se chegar a uma compreensão não só do sentido de pertencer a Cristo, mas também de ser Cristo.²⁸

Agostinho baseia o seu ensinamento principalmente no conceito paulino de *Corpus Christi*. Tomando a primeira carta de São Paulo aos Coríntios como fundamento desse aspecto da espiritualidade de Agostinho²⁹, vemos a base escriturística que sustenta a sua ideia.

Pois, assim como o corpo, apesar de ser um, tem muitos membros e todos os membros, embora muitos, são um corpo, assim também é Cristo. E na realidade todos nós fomos batizados num só Espírito [...] Agora o corpo não resulta de um só membro, mas de muitos membros. [...] Se tudo fosse um só membro, onde estaria o corpo? Em vez disso, muitos são os membros, mas apenas um é o corpo. [...] Agora vós sois o corpo de Cristo e os seus membros, cada um pela sua parte.³⁰

Agostinho insistiu que a presença de Cristo na comunidade como um todo e em cada membro individual fosse reconhecida.³¹ Ele reforçava a mensagem de São Paulo com a mensagem do Evangelho de Jesus: “Sempre que fizestes isto a um destes meus irmãos mais pequeninos, a mim mesmo o fizestes”³². O bispo exortou a sua comunidade a recordar que, embora a sua Cabeça já esteja no céu, Ele também está presente entre eles na terra nas pessoas que têm sede, fome, que estão nuas, doentes, etc. Quando um membro do corpo de Cristo sofre, é o próprio Cristo quem sofre.³³

Tornar real – atuar, concretizar, realizar, executar

Aqueles que eram membros regulares da sua congregação testemunharam as muitas vezes em que Agostinho se referia à comunidade como *Christus totus*³⁴. Jesus Cristo, para Agostinho, manifesta-se no nosso mundo de três modos: a) como Deus, co-eterno e co-igual ao Pai, b) como Verbo Encarnado, mediador e cabeça da Igreja, c) como o Cristo inteiro na plenitude da Igreja.³⁵

²⁸ Ver: *Io. eu. tr.* 21.8 (CCL 36 :216). “Ergo gratulemur et agamus gratias, non solum nos christianos factos esse, sed Christum. Intellegitis, fratres, gratiam Dei super nos capitis? Admiramini, gaudete, Christus facti sumus.”

²⁹ Embora tenhamos afirmado que, na realidade, este ensino é uma combinação de teologia, eclesiologia, espiritualidade e cristologia, para maior clareza, devemos empregar a palavra ‘espiritualidade’ neste estudo. Baseamo-nos no facto de ser a palavra que T. van Bavel usa para definir essa “ideia” de Agostinho. See: T. van Bavel, “The *Christus Totus* Idea,” *Augustinian Spirituality and the Charism of the Augustinians*, (Villanova, PA: Augustinian Press, 1995), 59-70.

³⁰ 1Cor 12:12-14, 19, 27.

³¹ Cf. s. 46.37 (CCL 41:564). “Unum quemlibet ex Ecclesia, tamquam Ecclesiam Christus alloquitur.” Ver também: P. Agaësse, Introduction to, *Commentaire de la Première Épître de S. Jean*, SC 75, (Paris : Les Éditions du Cerf, 1961), 91.

³² Mt 25:40; T. van Bavel atesta mais de 275 referências a Mateus 25 nas obras de Santo Agostinho. “The Double Face of Love in St. Augustine...”, 80.

³³ s. 137.2 (PL 38:755). “Videte enim, fratres, dilectionem ipsius capitis nostri. Iam in caelo est, et hic laborat, quamdiu hic laborat Ecclesia. Hic Christus esurit, hic sitit, nudus est, hospes est, infirmatur, in carcere est. Quidquid enim hic patitur corpus eius, se dixit pati.”

³⁴ H. Marrou faz notar que na pregação de Agostinho, especialmente na sua *Enarrationes in Psalmos*, usa a expressão *Christus totus* pelo menos duzentas vezes, para não mencionar as dezenas de alusões ao tema e ao seu uso do *corpus Christi*. Ver H. Marrou, *Théologie de l'histoire*, (Paris: Éditions du Seuil, 1968), 43. Cf. en. Ps. 17.2 (CCL 38 :94); 26.2.2 (CCL 38 :155); 30.2.1.3 (CCL38 :192); 54.3 (CCL 39 :656); 56.1,6 (CCL 39 :694, 698); 74.5 (CCL39 :1028); 100.3 (CCL 39 :1408); 132.7 (CCL 40 :1931); 138.2 (CCL 40 :1990).

³⁵ Cf. s. 341.1 (PL 39 :1493). “Dominus noster Iesus Christus, fratres, quantum animadvertere potuimus Paginas sanctas, tribus modis intellegitur et nominatur, quando praedicatur, sive per Legem et Prophetas, sive per Epistulas apostolicas, sive per fidem rerum gestarum, quas in Evangelio cognoscimus. Primus modus est: secundum Deum et divinitatem illam Patri coaequalem atque

Como o *Christus totus*, a Igreja realiza-se na forma como reconhece a sua responsabilidade de ser Cristo para e com os outros. T. van Bavel afirma que essa responsabilidade se concentra numa relação de amor. O amor que existe entre os membros da comunidade é uma relação em Cristo que nutre os membros como um todo³⁶; é a maneira como Cristo se dá a conhecer de forma concreta em todos os seus membros. Assim, o pensamento de Agostinho revela-se como um pensamento corporativo em vez de um pensamento baseado no indivíduo; um pensamento em que o todo está nas partes, tanto quanto as partes estão no todo. Van Bavel chama a atenção para a ênfase de Agostinho no Cristo inteiro quando afirma:

Consequentemente, Cristo é para ele não apenas um "eu", mas também um "nós". Cristo incorpora-nos em si mesmo... Assim como a nossa personalidade é constituída por centenas de relações, a pessoa de Cristo deve ser entendida como tendo uma relação com todo o ser humano, porque o seu amor é universal.³⁷

Christus totus torna-se plenamente presente tanto na união de todos os membros da comunidade, como em cada membro. O *Christus totus* é composto por cada membro e por todos os membros em conjunto.³⁸

Com esta compreensão chegamos a uma apreciação mais completa do *Sermão 272* de Agostinho sobre a Eucaristia, no qual ele reconhece a presença de todo o Cristo no sacrifício que é celebrado na refeição eucarística. Ele quer que a sua congregação se reconheça naquele sacrifício; que seja aceite a sua responsabilidade de ser o corpo de Cristo celebrado e recebido do altar. Citando 1Cor 12,27: "Vós sois o corpo de Cristo e cada um, pela sua parte, é um membro", pede que a sua congregação seja reconhecida no mistério colocado sobre o altar e no mistério que recebe.

É quem vós sois que responde Amém, e respondendo assim vós expressais a vossa concordância. O que vós sentis, vedes, é o corpo de Cristo, e respondeis Amém. Portanto, sejam um membro do corpo de Cristo, para tornar esse Amém verdadeiro.³⁹

Para compreender o que significa que a Igreja é realmente Cristo, *Christus totus*, Cabeça e membros no pensamento de Agostinho, precisamos de estar cientes de uma distinção que ele reconhece entre Cristo e a humanidade. Por mais que Agostinho identifique cada pessoa com Cristo⁴⁰, ele não pretende dizer que não haja distinção entre os dois⁴¹. T. van Bavel lembra-nos um facto fundamental para uma correta compreensão do que significa ser cristão: mesmo que Agostinho identifique Cristo com a humanidade no *Christus totus*, o fundamento definitivo da fé cristã mantém-se claro, isto é, "[1] a distinção entre Cristo e nós consiste no facto de que Cristo é o Salvador e nós somos os salvos."⁴²

coaeternam ante assumptionem carnis. Alter modus est: cum assumpta carne iam idem Deus qui homo, et idem homo qui Deus, secundum quamdam suae excellentiae proprietatem, qua non ceteris coaequatur hominibus, sed est mediator et caput Ecclesiae, esse legitur et intellegitur. Tertius modus est: quodam modo totus Christus, in plenitudine Ecclesiae, id est, caput et corpus, secundum plenitudinem perfecti cuiusdam viri, in quo viro singuli membra sumus."

³⁶ *ep. Io. tr.* 10.3 (SC 75:414). "Cum enim se invicem amant membra, corpus se amat."

³⁷ T. van Bavel, "The Double Face of Love..." 73.

³⁸ Ver: s. 133.8 (PL 38:742). "Iam vero si nos ipsos attendamus, si corpus eius cogitemus, quia et nos ipse est. Nam etsi nos ipse non essemus, non esset verum: Cum uni ex minimis meis fecistis, mihi fecistis. Si nos ipse non essemus, non esset verum: *Saule, Saule, quid me persequeris?* Ergo et nos ipse, quia nos membra eius, quia nos corpus eius, quia ipse caput nostrum, quia totus Christus caput et corpus." See also: *Io. eu. tr.* 108.5 (CCL 36: 617-18); *Io. eu. tr.* 111.6 (CCL 36:632-33).

³⁹ s. 272.1 (PL 38:1247). "Si ergo vos estis corpus Christi et membra, mysterium vestrum in mensa Dominica positum est: mysterium vestrum accipitis. Ad id quod estis, Amen respondetis, et respondendo subscribitis. Audis enim, Corpus Christi; et respondes, Amen. Esto membrum corporis Christi, ut verum sit Amen."

⁴⁰ Cf: *Io, Ev Tr* 21.8 (CCL 36:216) "Christus facti sumus."

⁴¹ Ver s. 246.5 (PL 38:1156). "Est distinctio quia aliter Pater unigeniti Filii, aliter Pater noster. Illius Pater per naturam, noster per gratiam."

⁴² T. van Bavel, "The *totus Christus* Idea", 64.

Conclusão

Uma espiritualidade agostiniana contém pelo menos os seguintes temas: comunidade, oração, amizade, humildade, sacrifício, correção fraterna, graça e amor. Como indiquei no início desta apresentação, não é possível abordar todos esses aspectos no pouco tempo que temos juntos. Permitam-me, então, concluir apontando que somos capazes de atualizar esta espiritualidade nas nossas vidas apenas pela graça de Deus, o amor de Deus que foi derramado nos nossos corações através do Espírito Santo que nos foi dado (Romanos 5: 5). Sem a graça, não podemos realizar nada. É uma componente crítica de viver uma espiritualidade agostiniana como *Christus Totus*, enraizada e responsiva ao mandamento de amar a Deus e ao próximo em comunidade. Uma comunidade unida no amor, unida em Deus, é uma comunidade que responde ao amor primeiro recebido! Essa compreensão é crucial para o desenvolvimento de uma espiritualidade agostiniana sempre antiga, sempre nova – um verdadeiro *sacramentum caritatis*.